

Giovanni Alves*

Dimensões da Reestruturação Produtiva do Capital

Notas Teórico-metodológicas

RESUMO: O objetivo do artigo é oferecer um novo conceito de reestruturação produtiva do capital adequado à nova etapa de desenvolvimento do capitalismo neoliberal e capaz de explicar a nova fenomenologia do trabalho e da vida social estranhada sob a acumulação flexível. Iremos tratar da emergência da cooperação complexa do capital e do novo trabalhador coletivo.

Palavras-chave:
reestruturação
produtiva,
capitalismo
neoliberal,
acumulação flexível.

O objetivo deste pequeno ensaio é problematizar o conceito de reestruturação produtiva que tem sido utilizado na sociologia (e economia) do trabalho meramente no sentido de inovações tecnológicas e inovações organizacionais nos locais de trabalho. Nessa ótica sociológico-economicista, tende-se a desprezar o caráter totalizante (e totalizador) do movimento reestruturativo do capital. Ao restringir o processo de reestruturação produtiva apenas à sua dimensão econômica propriamente dita, oculta-se, hoje, mais do que nunca, traços essenciais da reestruturação capitalista, cujo movimento incessante, contraditório e complexo, implica como um todo orgânico, produção e totalidade social. Inclusive, a linha que divide produção e reprodução social torna-se hoje, mais do que nunca, bastante tênue.

Na era do capitalismo global, com o toyotismo como ideologia orgânica da produção de mercadorias, a produção implica cada vez mais as instâncias sócio-reprodutivas em seu movimento reestruturativo. A ideologia produtivista que impregna a fábrica, dissemina-se pelos Estado, Escola, Família e relações sociais em geral. O discurso cotidiano está inoculado pela sintaxe da lógica toyotista. A racionalidade da produção do capital perpassa, com maior intensidade e amplitude, a vida cotidiana (até porque vive-se hoje em sociedades amplamente mercantilizadas- enfim, aplica-se hoje, mais do que na época de Marx o que está dito na abertura do Livro I de “O Capital”, ou seja, a sociedade é uma imensa coleção de mercadorias”).

O toyotismo como ideologia orgânica da produção (e da vida social estranhada) exige mobilização constante, intensa e permanente do trabalho vivo pelos valores-fetiches da produção do capital. Por isso, a reestruturação produtiva é também, antes de mais nada, reestruturação sócio-reprodutiva. É a afirmação plena do capital como modo de controle do metabolismo social. O próprio Estado político transfigura-se, enquanto Estado neoliberal, como Estado do capital em seu movimento de permitir a plena efetividade do mercado (as alterações estruturais dos referentes produtivos e sócio-reprodutivos da dominância burguesa têm significativos impactos na eficácia – ou ineficácia – das práticas políticas anti-capitalistas).

No plano teórico-metodológico, a sociologia do trabalho que permanece tão somente como sociologia industrial, detida no espaço intra-fábrica, ou até mesmo da cadeia produtiva, não consegue apreender o movimento totalizante, totalizador, e totalitário da reestruturação produtiva que envolve não apenas a produção propriamente dita, mas a reprodução social (as esferas do cotidiano e do conjunto das relações sociais extra-fábrica).

Portanto, defendemos as seguintes teses sobre o novo complexo de reestruturação produtiva que emerge com a acumulação flexível sob a dominância da lógica organizacional toyotista:

1. O capital não é uma mera categoria econômica, mas, como salientou com perspicácia István Meszáros (depois de K. Marx), um modo de controle do metabolismo social que exige hoje, de cada um de nós, no plano teórico-metodológico, um tratamento das instâncias sócio-reprodutivas da vida social, se quisermos apreender a totalidade concreta da reestruturação produtiva do capital.
2. Sob o toyotismo, manipular a produção implica manipular, mais do que nunca, a reprodução social, na medida em que ela torna-se uma extensão daquela. Assim, trabalho estranhado confunde-se com estranhamento social. O cotidiano torna-se permeado pela lógica estranhada do trabalho capitalista. Tempo de vida torna-se tempo de trabalho. Enfim, eis as múltiplas derivações deste movimento reestruturativo (ALVES, 2007).
3. O toyotismo como ideologia da produção implica cada vez mais a totalidade social, porque ele exige uma forma mais desenvolvida de “captura” da subjetividade da força de trabalho e do trabalho vivo. A construção do “nexo psicofísico” sob o toyotismo assume uma tessitura

mais complexa, buscando-se construir o novo consentimento à produção de mercadorias por meio da manipulação intensa da subjetividade (o que explica o alto grau de adoecimento de homens e mulheres que trabalham – adoecimento da mente e do corpo, como sintoma da intensa “captura” da subjetividade).

Após o preâmbulo teórico-metodológico, desenvolveremos a idéia do significado hoje da cooperação complexa do capital, como nova sobredeterminação do processo de reestruturação produtiva. A emergência da cooperação complexa no interior do desenvolvimento histórico da produção capitalista, significa um novo patamar da grande indústria, em sua forma mais desenvolvida, e portanto, intensamente “afetada de negação”. Com ela, a totalidade social torna-se uma totalidade da produção social. Na medida em que a produção social é a produção social do capital, intensifica-se as dimensões do trabalho estranhado e do estranhamento social como negação do próprio ser genérico do homem (era da barbárie social).

A cooperação complexa do capital

O modo de produção capitalista desenvolveu-se e expandiu-se pelo mundo pela constituição de métodos de produção da mais-valia relativa no interior dos quais o capital busca resolver as contradições que surgem da perpétua necessidade de auto-valorização do valor. Na seção V de “O Capital”, intitulada “A Produção de Mais-Valia Relativa”, Marx caracteriza os métodos de produção de mais-valia relativa como sendo a cooperação, manufatura e grande indústria (MARX, 1996).

O movimento de posição (e reposição) dos métodos de produção de mais-valia relativa denomina-se reestruturação produtiva, em que o capital busca novas formas de organização do trabalho mais adequadas à auto-valorização do valor. Cooperação, manufatura e grande indústria não são apenas formas históricas de organização da produção capitalista, substituídas ao longo do tempo histórico por outras formas avançadas de organização capitalista da produção. Na verdade, cooperação, manufatura e grande indústria são formas históricas de organização do capital que se repõe em cada fase de desenvolvimento do capitalismo. Os princípios da cooperação (trabalhador coletivo), manufatura (divisão do trabalho) e grande indústria (maquinaria) são repostos em sua processualidade dialética, em cada etapa histórica de desenvolvimento capitalista. Por isso, o fordismo-taylorismo, “ideologia orgânica” da organização do trabalho e da produção capitalista no século XX, que surge na etapa da grande indústria, ao invés de ser mero “retorno

da manufatura”, é a reposição desta forma de organização da produção capitalista (a manufatura) nas condições materiais da grande indústria (MORAES NETO, 1989). Na etapa da grande indústria se repõe também, do mesmo modo, o princípio constitutivo da cooperação: o trabalhador coletivo do capital. Portanto, a grande indústria é a forma histórica em que o capital, como “contradição viva”, atinge seu pleno desenvolvimento categorial. Por isso, a vigência contraditória de ideologias de racionalização do trabalho vivo (fordismo-taylorismo e toyotismo) nas condições da organização da produção capitalista baseada no princípio do trabalho morto.

A reestruturação produtiva do capital no século XX foi marcada pelas inovações fordistas-tayloristas que alteraram a morfologia da produção de mercadorias em vários setores da indústria e dos serviços. No campo organizacional da grande indústria, fordismo e taylorismo tornaram-se “mitos mobilizadores” do processo de racionalização do trabalho capitalista. A introdução dos novos “modelos produtivos” foi lenta, desigual e combinada, percorrendo a maior parte do século XX. A produção em massa (ou o fordismo) altera de modo significativo a vida social, transfigurando as condições de produção (e de reprodução) social da civilização humana, atingindo de forma diferenciada países e regiões, setores e empresas da indústria ou de serviços. O que surge, hoje, com o novo complexo de reestruturação produtiva, cujo “momento predominante” é o toyotismo, é mais um elemento compositivo do longo processo de racionalização do trabalho vivo que teve origem com o fordismo-taylorismo.

O novo complexo de reestruturação produtiva do capital, que se desenvolve nas condições da grande indústria em sua fase tardia, é constituído por “todo orgânico” cujos elementos compositivos são as inovações organizacionais, inovações tecnológicas e inovações sócio-metabólicas. Elas surgem na etapa histórica de desenvolvimento da grande indústria “afetada de negações” que denominamos “cooperação complexa”.

Utilizamos o conceito de “cooperação complexa” não o contrapondo à grande indústria, como “quarta forma social”, como faz Francisco Soares Teixeira, nem o considerando, em seu conteúdo categorial, como “pós-grande indústria”, como faz Ruy Fausto (TEIXEIRA, 1999; FAUSTO, 1989). Pelo contrário, o que se põe com o que denominamos de “cooperação complexa” é a etapa histórica tardia da grande indústria “afetada de negação” no interior da qual se desenvolvem elementos pressupostos negados de uma nova etapa do processo civilizatório humano-genérico. A “cooperação complexa” seria uma etapa de desenvolvimento crítico da grande indústria “afetada de negação”

ou um novo espaço-tempo sócio-histórico da produção (e reprodução) do capital sob as condições críticas da grande indústria no interior da qual estão pressupostas, como pressupostos negados, elementos da pós-grande indústria (o que implicaria pensar uma materialidade sócio-produtiva para além do capital).

Ao utilizarmos o conceito de “cooperação complexa” indicamos importantes alterações na morfologia do novo complexo de reestruturação produtiva do capital e na dinâmica sócio-metabólica da produção do capital decorrentes, por um lado, da revolução informacional ou melhor, revolução das *redes* informacionais; e, por outro lado, da nova configuração da luta de classes e da hegemonia pós-fordista de cariz neoliberal.

Cooperação complexa e “unidade orgânica” da produção do capital

A constituição das redes informacionais como nova base técnica da produção de mercadorias tem promovido importantes alterações no processo de trabalho e na produção do capital. Por exemplo, a denominada “empresa em rede” e a constituição do novo trabalhador coletivo alteraram o *modus operandi* do controle do trabalho capitalista. Com a revolução informacional e as novas possibilidades de constituição de redes e de integração dos sistemas de produção e de serviços como observa Lojkine, “o controle do trabalho [...] não pode ser limitado às relações entre ‘a fábrica e o cronômetro’, entre operários e chefes ou, ainda, entre a fabricação e a concepção, quando a informática discute, atualmente, as antigas divisões entre todas as funções da empresa (do departamento de estudos aos serviços pós-venda), para não mencionar as relações entre empresa que empreita e sub-empregadoras, empresa industrial e empresas de serviços (laboratórios de pesquisa, bancos de dados integrados, etc.) (LOJKINE, 1995).” O que Lojkine constata é a expansividade da relação-capital cujo controle sócio-metabólico não se limita mais ao local de trabalho ou às instâncias da produção propriamente dita, expondo os claros limites gnosiológicos dos estudos da sociologia industrial e do trabalho que se restringem, ao tratarem da reestruturação produtiva, meramente à fábrica ou mesmo à cadeia produtiva propriamente dita (Lojkine nos alerta que a revolução informacional ou a revolução das redes informacionais coloca em xeque a “fixação dos pesquisadores da sociologia industrial sobre o campo empírico das interfaces diretas homem-máquina, nos estudos consagrados ao trabalho”). Na verdade, como iremos salientar no capítulo 3, as novas “máquinas” informacionais deslocam a problemática da relação interface homem-máquina para relação interface homem-homem (o que expõe, de certo modo, a dimensão crucial dos processo de subjetivação sob a “cooperação complexa”).

A reestruturação produtiva do capital, além de conceber a produção como totalidade social, integra hoje, com mais intensidade e amplitude e portanto, numa dimensão qualitativamente nova, inovação tecnológica, inovação organizacional e inovação sócio-metabólica como momentos constitutivos do “todo orgânico” da produção do capital. Por isso, a necessidade candente da investigação crítica articular, como momentos compositivos inelimináveis da reestruturação produtiva do capital, as dimensões da inovação tecnológica, inovação organizacional e inovação sócio-metabólica, numa perspectiva de conceber a produção do capital cada vez mais como produção social ou ainda, produção de subjetividade às avessas por meio de novas mediações tecnológico-organizacionais (é o que tentaremos esboçar nos próximos capítulos).

Entretanto, a elevação da “unidade orgânica” da produção do capital como totalidade social a um nível qualitativamente novo, nas condições da “cooperação complexa”, ocorre devido, não apenas à revolução das redes informacionais, mas à nova configuração da luta de classe e dominação do capital no sistema mundial. Nas condições do capitalismo neoliberal, o capital torna-se uma força social mais dominante que nunca, tanto no sentido da implicação político-estatal, quanto da dominação político-ideológica, expondo, com mais intensidade e amplitude, o “todo orgânico” da produção do capital. As derrotas históricas das forças sociais e políticas do trabalho, a crise do Welfare State e a ofensiva neoliberal nas instâncias político-ideológicas deram ao capital a maior liberdade possível, sem a qual não poderia afirmar-se como sujeito fora e dentro do processo de trabalho. O movimento exacerbado do capital tende a dar um sentido “integrista” à nova *racionalização* do mundo, que se confunde com *modernização* e perpassa a totalidade da vida social como instância da produção de valor (pelo menos no plano do discurso ideológico dos valores-fetiches, que obnubilam a intensa irracionalidade social). Nas últimas décadas, o aparato hegemônico neoliberal tem constituído um novo terreno ideológico, que impulsiona uma “reforma das consciências e dos métodos de conhecimento”. Ao tratarmos do espírito do toyotismo e de seu nexos essencial, a “captura” da subjetividade, iremos constatar que o toyotismo é também um “fato filosófico”. É nesse sentido que Gramsci nos diz: “quando se consegue introduzir uma nova moral adequada a uma nova concepção do mundo, termina-se por introduzir também esta concepção, isto é, determina-se uma reforma filosófica total.” (GRAMSCI, 1984)

Portanto, com a “cooperação complexa” da produção do capital instaura-se uma etapa histórica de intensa socialização da produção social e de agudização das contradições do sistema mundial do capital, em que a linha de demarcação entre as instâncias das inovações tecnológicas, organizacionais e sócio-

metabólicas tende a tornar-se ainda mais tênue. Nesse caso, a idéia de produção do capital incorpora a totalidade social com os limites entre produção, circulação, distribuição e consumo tornando-se deveras sutis (nesse caso, as idéias de *flexibilidade* e *integração* explicitam, no plano lingüístico, alterações materiais ocorridas na forma social da produção do capital). O capital, como categoria social abstrata, torna-se mais efetivo na sua forma de ser. Com a “cooperação complexa” ocorre o movimento de absolutização do capital. Nesse sentido, constitui-se a *produção como totalidade social*, em que a idéia de rede informacional, que está na empresa, mas também na escola e no lar, aparece como seu lastro tecnológico. As mutações sócio-materiais do capitalismo global alteram as determinações categoriais do ser social.

Cooperação complexa e trabalhador coletivo do capital

A revolução das redes informacionais instaura, com maior concreção, o *trabalhador coletivo* do capital, que articula em si, com mais intensidade e amplitude, por meio das redes informacionais, trabalho material e trabalho imaterial. A categoria de “trabalhador coletivo” aparece, pela primeira vez, no capítulo intitulado “Cooperação” na seção V de “O Capital”, de Karl Marx. O trabalhador coletivo é o trabalhador combinado “que possui olhos e mãos a frente e atrás e, até certo ponto, o dom da univocidade e que faz avançar o produto global mais rapidamente...”, é como Marx apresenta o ente social que nasce da cooperação (“concours de forces”, como disse Destutt de Tracy) (MARX, 1996). A nova potência de forças que decorre da fusão de muitas forças numa força global é um atributo do “trabalhador coletivo”. Marx salientava que a cooperação permite estender (e estreitar) o tempo-espço, constituindo pelo trabalhador coletivo, uma nova força produtiva social do trabalho ou força produtiva do trabalho social (MARX, 1996).

Marx observa que “os trabalhadores não podem cooperar diretamente sem estar juntos, sendo sua aglomeração em determinado local condição de sua cooperação”. Com as redes informacionais tornou-se possível “estar junto” à distância. O trabalhador social ou trabalhador combinado, por meio das novas tecnologias de informação e comunicação, não apenas estendem (ou estreitam) o espaço-tempo, mas podem virtualmente suprimi-lo, com a constituição de um novo local de cooperação complexa, o ciberespaço (MARX, 1996).

A escala da cooperação é uma variável da grandeza do capital. “A concentração de grandes quantidades de meios de produção – observou Marx – em mãos de capitalistas individuais é, portanto, a condição material para a cooperação de trabalhadores assalariados, e a extensão da cooperação, ou a escala

da produção, depende do grau dessa concentração.” (MARX, 1996) O desenvolvimento de uma cooperação complexa decorre do surgimento da grande empresa transnacional de capital concentrado, capaz de articular, numa escala global, pela nova base técnica constituída pelas revolução das redes informacionais, formas inéditas de cooperação ou processo social de trabalho combinado.

A constituição do *trabalhador coletivo* ou trabalhador combinado significa, em si, o desenvolvimento da força produtiva social do trabalho ou da força produtiva do trabalho social. O capitalista compra a força de trabalho individual isolada, mas ao fazê-lo cooperar, obtém um “renda relacional” que provém da força combinada não-paga do trabalhador combinado. A força produtiva social do trabalho, segundo Marx, é uma força gratuita que não custa nada ao capital e, por outro lado, não é desenvolvida pelo trabalhador antes que seu próprio trabalho pertença ao capital. Na verdade, como observa ele, “como pessoas independentes, os trabalhadores são indivíduos que entram em contato com o mesmo capital, mas não entre si.” (MARX, 1996) Na medida em que só começam a cooperar no processo de trabalho como processo de valorização, eles já deixaram “de pertencer a si mesmos”. E destaca: “Como cooperadores, como membros de um organismo que trabalha, eles não são mais do que um modo específico de existência do capital” (MARX, 1996). Por isso, o trabalhador coletivo aparece como trabalhador coletivo do capital: “A força produtiva que o trabalhador desenvolve como trabalhador social é, portanto, força produtiva do capital” (MARX, 1996).

O modo de produção capitalista coloca a necessidade histórica da transformação do processo de trabalho em um processo social. A força produtiva do trabalho social, como observou Marx, é uma força gratuita, apesar de seu desenvolvimento por meio das redes informacionais ter significado vultosos investimentos em ciência, tecnologia e infra-estrutura social. Na verdade, “essa forma social do processo de trabalho apresenta-se como um método, empregado pelo capital, para mediante o aumento da sua força produtiva, explorá-lo mais lucrativamente”. (MARX, 1996)

No aspecto onto-metodológico, a categoria de “cooperação” como modo de organização da produção social possui centralidade na exposição da produção do capital. A “cooperação” é a forma básica do modo de produção capitalista que se repõe em cada etapa de desenvolvimento das formas de organização do trabalho. É por isso que, no livro “O Capital – Crítica da Economia Política”, Marx inaugura a Seção V, em que expõe a produção da mais-valia relativa, com o capítulo XXI, intitulado “Cooperação” (depois ele trataria da “divisão do trabalho e manufatura” e “maquinaria e grande Indústria”). Ao iniciar

sua exposição com a categoria de “cooperação”, Marx sugere que a “alma” do complexo de reestruturação produtiva nas empresas é dada pelas inovações organizacionais. Na verdade, a “cooperação” trata de inovações meramente organizacionais na produção de mercadorias, em que o capital, pela nova ordenação espaço-temporal da gestão do trabalho vivo como força de trabalho, constituiria o seu “trabalhador coletivo”.

Portanto, a centralidade onto-metodológica da categoria de “cooperação” na exposição da estrutura de produção do capital decorre não apenas de ela ser “forma básica do modo de produção capitalista”, mas ser matriz da categoria de “trabalhador coletivo” do capital, “élan vital” da produção de mercadorias, elemento fundamental e fundante do processo de acumulação capitalista. Por isso, na medida em que as inovações organizacionais enquanto forma de reposição da cooperação aparecem como “um método, empregado pelo capital, para mediante o aumento da sua força produtiva explorá-lo mais lucrativamente”, reconstituindo o trabalhador coletivo do capital, elas se tornam inovações axiais em torno do qual se articulam as inovações tecnológicas e inovações sócio-metabólicas.

Ao reconstituir pelas redes informacionais, o trabalhador coletivo, o capital integra, com maior intensidade e amplitude, o “todo orgânico” da produção de valor, constituindo uma sinergia capaz de dar um salto espetacular (e inédito) na produtividade do trabalho social, exploração da força de trabalho e extração de mais-valia (é o que tem demonstrado a produção industrial nas últimas décadas).

O novo complexo de reestruturação produtiva possui múltiplas dimensões. A divisão sugerida possui função meramente heurística tendo em vista que tratamos de um “todo orgânico”. Primeiro, destacariamos o complexo de reestruturação produtiva como *inovação organizacional*, destacando o toyotismo como o verdadeiro espírito do novo complexo de reestruturação produtiva e do novo “modelo de gestão” do trabalho vivo; depois, em segundo lugar, destacariamos as *inovações tecnológicas*, salientando a constituição da nova base técnica da “sociedade em rede” a partir da IV Revolução Tecnológica, a revolução das novas tecnologias de informação e comunicação, isto é, das redes informacionais; e terceiro, uma dimensão pouco analisada: as *inovações sócio-metabólicas*, constituídas, por um lado, pela pletera de *valores-fetiches* ou nexos ideológicas do novo produtivismo que se disseminam pela sociedade burguesa (as inovações sócio-metabólicas são um dos aspectos do processo de reestruturação produtiva muito pouco destacado pela sociologia do trabalho). O toyotismo e sua ânsia pela “captura” da subjetividade, tende a colocar as inovações sócio-metabólicas como uma dimensão crucial da reestruturação produtiva no século XXI.

Dimensões da Reestruturação Produtiva do Capital

Inovações Tecnológicas
Inovações Organizacionais
Inovações Sócio-metabólicas

Na exposição do novo complexo de reestruturação produtiva, é importante salientar as inovações organizacionais baseadas no espírito do *toyotismo*, “ideologia orgânica” da nova reestruturação produtiva do capital que se dissemina nas empresas e na sociedade burguesa. É o toyotismo que constitui a base organizacional e ideacional-valorativa da nova materialidade sócio-tecnológica instaurada pelo capital. Por um lado, as inovações organizacionais explicitam as virtualidades da nova base técnica do capital dada pela IV Revolução Tecnológica, a revolução das redes informacionais. As novas máquinas da III Revolução Industrial, baseadas nas inovações tecnológicas da informática, robótica e telemática, contribuem para o desenvolvimento do arcabouço técnico-organizacional do toyotismo. Por outro lado, as inovações sócio-metabólicas, terceira dimensão do novo complexo de reestruturação produtiva, constituem a base morfológica das inovações técnico-organizacionais que consolidam e explicitam suas virtualidades de controle social.

Nestas notas teórico-metodológicas para um estudo do novo complexo de reestruturação produtiva nos detivemos nas inovações *interiores* à produção capitalista (*inovações organizacionais; inovações tecnológicas e inovações sócio-metabólicas*), deixando de lado as inovações *exteriores* à produção do capital. As inovações *exteriores* à produção capitalista são importantes elementos compositivos da “totalidade concreta” do novo complexo de reestruturação produtiva. Elas são as inovações econômicas e geoeconômicas (a macroeconomia neoliberal e os novos territórios e espaços do mercado mundial); as inovações político-institucionais (as formas do Estado neoliberal) e as inovações culturais propriamente ditas (o pós-modernismo). Elas compõem o novo “bloco histórico” no interior do qual emerge o novo complexo de reestruturação produtiva.

Key-words:
productive restructuring of capital, neoliberal capitalism, flexible accumulation .

ABSTRACT: The objective of the article is to offer a new concept of productive restructuring of capital. It is more appropriate to explain the new stage of development of the neoliberal capitalism and give a treatment of the new phenomenology of strangement of the work and of the social life under the flexible accumulation. We will treat of the emergency of the complex cooperation of the capital and of the new collective worker.

Referências

ALVES, Giovanni (2007). *Dimensões da Reestruturação produtiva*. Londrina, Editora Praxis.

ANTUNES, Ricardo (1995). *Adeus Ao Trabalho? – Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, Editora Cortez, São Paulo.

_____ (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, Editora Boitempo.

_____ (Org.) (2006) *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil*, São Paulo, Editora Boitempo.

BERMAN, Marshall (1987). *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar*, Editora Companhia das Letras, São Paulo.

CHESNAIS, François (1996) *A mundialização do capital*. São Paulo, Editora Xamã.

FAUSTO, Ruy (1987). *Marx-Lógica&Política - Investigações para uma reconstrução do sentido da dialética*, tomo I, São Paulo. Editora brasiliense,

_____ (1989). “A ‘Pós-Grande Indústria’ nos Grundrisse (e para além deles).”, *Lua Nova*, novembro/89, n° 19, São Paulo, CEDEC.

GOUNET, Thomas (1999) *Fordismo e Toyotismo na Civilização do Automóvel*. São Paulo, Editora Boitempo.

GORZ, André (2005) *O Imaterial*, São Paulo, Editora Annablume

HARVEY, David (1990). *Los limites del capitalismo y la teoría marxista*. México, Fondo de Cultura Econômica.

_____ (1992). *Condição pós-moderna – Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* (1992). São Paulo. Edições Loyola.

_____ (2004) *O novo imperialismo*. São Paulo, Edições Loyola.

LUKÁCS, Georg (1978) “As bases ontológicas da atividade e do pensamento do homem” In *Revista Temas de Ciências Humanas*. São Paulo, Editora Ciências Humanas.

LUKÁCS, Georg (1981). *Ontologia Dell'essere Sociale*, Editori Riuniti, Roma.

LOJKINE, Jean (1995) *A revolução informacional*. São Paulo, Cortez Editora.

MARX, Karl (1996). *O Capital – Crítica da Economia Política*, Livro 1, Rio de Janeiro, Editora Nova Cultural.

_____ (1985) Capítulo VI Inédito de *O Capital – Resultados do processo de produção imediata*. São Paulo, Editora Moraes.

_____ (1983) *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo, Editora Martins Fontes.

_____ (2004) *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Editora Boitempo.

_____ e ENGELS, Friedrich (1998). *Manifesto Comunista*, São Paulo. Editora Boitempo.

MORAES NETO, Benedito (1989) *Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão*. São Paulo, Editora Brasiliense.

TEIXEIRA, Francisco José Soares (1999) “O capital e suas formas de produção de mercadorias – Rumo ao fim da economia política”. Fortaleza, mimeo.